



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PL 0552/2021

Amanda Marfree, mulher transexual, nascida em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, reconhecida por seu trabalho transativista em São Paulo, trabalhou como orientadora sócio educacional no Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD). Tornou-se a primeira transexual de São Paulo a se candidatar a um Conselho Tutelar. Foi pré-candidata a vereadora na cidade de São Paulo pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) no ano de 2020, mas faleceu, no mesmo ano, vítima de Covid-19, aos 35 anos.

Marfree rompeu com a prostituição e aproximou da educação e do serviço de assistência social não apenas como compromisso individual para a sua transcidadania, ao qual foi estruturalmente negada por boa parte da vida, mas utilizou esse resgate como combustível de ação coletiva e solidária para todas e todos que foram marginalizados dos espaços de educação e emprego por sua identidade de gênero e orientação sexual. Lutou, assim, pelo reconhecimento da humanidade e contra a invisibilidade das pessoas trans nos espaços institucionais e nos serviços públicos, como por exemplo na mobilização pela inclusão de gênero no Plano Municipal de Educação (PME).

Como muitas pessoas trans e travestis, recorreu à prostituição para ter condições financeiras de realizar alterações corporais como forma de se aproximar de sua identidade feminina desejada, haja vista que exclusão do mercado de trabalho formal em aceitar pessoas trans também afetou seu itinerário de subsistência. O processo de migração, comum a geração de travestis de sua época, alcançou Amanda. Esta foi cafetinada, na Itália, mesmo sem saber a língua do país. Entretanto, acabou sofrendo deportação para São Paulo, local este que Marfree chamou de lar e reconheceu seu compromisso político com as gerações de crianças, adolescentes e LGBTs vulneráveis ao qual pretendeu e dedicou sua vida.

Na capital paulista, teve seu reencontro com a sala de aula por meio do programa Transcidadania, aos 30 anos, a qual tornou-se a primeira de cem, título em honra a seu destaque na turma, por ser a primeira beneficiária do programa a terminar o segundo grau. Após o término da escolarização pelo Transcidadania, atuou no cargo de recepcionista no Centro LGBT da Zona Leste, sendo este seu primeiro emprego formal. Este feito foi muito simbólico na sua trajetória por sinalizar um caminho de portas abertas para sua cidadania e reconhecimento das suas qualificações e habilidades para exercer atividades em serviço às minorias sociais.

A ativista e militante representa para a cidade de São Paulo um dos primeiros e notórios compromissos do município com direitos das pessoas trans e travestis, por isso tem o mérito de ser reconhecida e gravada nas reminiscências seu projeto de construir o traviarcado, por meio da inclusão, igualdade e subversão ao cisheteropatriarcado. Dentre suas muitas ações de ativismo solidário, mesmo com comorbidades, no contexto da pandemia de Covid-19, Amanda Marfree arrecadou doações e as entregava pessoalmente as cestas básicas em casas de acolhida de mulheres trans e travestis da cidade.

Amanda, em entrevista para a Revista Fórum, declarou: O único lugar que a travesti tinha era a esquina, agora tem a escola.¹. Nesse sentido, esperamos acrescentar mais lugares para imortalizar a transestralidade e o legado das travestis na memória e espaços de honraria na cidade de São Paulo.

¹ Ver <<https://observatoriosc.org.br/o-unico-lugar-que-a-travesti-tinha-era-a-esquina- agora-tem-a-escola/>> Acesso em 13/08/2021

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial da Cidade em 25/08/2021, p. 82

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.saopaulo.sp.leg.br.